

# Mondlane foi um dos sonhadores

– Janet Mondlane, viúva do primeiro Presidente da FRELIMO, em palestra na UEM

Dom.  
14/3/99 p4-5

**A** Universidade Eduardo Mondlane, até 3 de Fevereiro do ano que vem, vai levar a cabo várias realizações enquadradas nas comemorações do trigésimo aniversário da morte do seu patrono.

Para o início das celebrações dos trinta anos da morte do primeiro presidente da Frente de Libertação de Moçambique, a UEM convidou a Dr<sup>a</sup> Janet Mondlane, viúva do Dr. Eduardo Mondlane para, num anfiteatro grávido de gente representando várias sensibilidades, falar da vida do esposo, do académico, do político e do líder que foi o filho das terras de Nwadjahane.

Pelo seu interesse, publicamos na íntegra o texto da Dr<sup>a</sup> Janet Mondlane.

“É sempre uma honra aceitar o convite de V. Exa, Senhor Magnífico Reitor desta Universidade, cujo patrono é o Dr. Eduardo Chivambo Mondlane.

Todos os anos, quando nos aproximamos do 3 de Fevereiro, há um interesse especial em se saber um pouco mais sobre Eduardo Chivambo Mondlane como homem e o seu pensamento. Poucas pessoas conheceram a pessoa de Mondlane, excepto aqueles que o conheceram intimamente – sim, cabeça careca, alto e robusto, às vezes de gravata. Ele tinha um amor pela música clássica, especialmente a música *Song of the Forest* do grande coro de crianças russas; também ele gostava de ler para mim, recitando com vigor e amor um poema do género *Shelly's Adonais*, por exemplo

Quando ainda estava na escola secundária em Transvaal, os seus amigos iam à sua procura a fim de com ele se divertirem, e encontravam-no na sua cama mergulhado num calhamaço de livros, porque teria adormecido enquanto estudava.

Ele dizia que sabia tocar a guitarra muito bem, quando na verdade ele sabia somente uma música, a qual ele tocou e retocou até que a música acabou, ficando que nem um farrapo. Quando Mondlane já era um homem robusto a trabalhar nas Nações Unidas, o seu médico descobriu traços de uma tuberculose pulmonar, de que ele nunca soubera ter sofrido – enquanto uma criança órfã e malnutrida na sua terra natal – Nwadjahane.

Mondlane comia quase tudo

sem reclamar, mesmo os cozinhados da sua jovem noiva Janet, que pouco ou nada sabia de cozinha até ao seu casamento.

## MONDLANE: UM HOMEM VIBRANTE

Quando Mondlane se tornou líder do movimento de libertação, que depois se tornou também um movimento de guerrilha, os seus amigos nos Estados Unidos e nas Nações Unidas sorriram à impossibilidade da ideia de um homem de seu fato executivo e sua gravata, no jéito tipicamente académico, como um líder de uma luta de libertação. Mas antes de ele ter sido assassinado, ele tinha edificado um dos mais bem sucedidos movimentos de libertação em África.

As pessoas muitas vezes me perguntavam: *como é que Eduardo Mondlane de facto era?*

Eduardo era uma pessoa vibrante e com afecto, que enfrentava os problemas da vida com empenho. Ele amou a sua família e o seu povo. O seu sorriso contagiava e atraía toda a gente a si, e o seu sobrolho carregado levava os seus amigos e colegas a pensarem duas vezes. Ele viveu enigmaticamente o seu presente, mas dedicou a sua vida ao futuro.

Uma das minhas imagens favoritas de Eduardo Mondlane é a da primeira vez que o vi, um pouco antes de ele entrar pela porta principal da “Oberlin” – (o nome da primeira universidade americana onde ele estudou), como um recém-admitido. Ele acabava de completar os seus

31 anos de idade e eu 17. Ele falava para nós, um grupo de adolescentes. Eu conheci o Eduardo já um homem cheio de entusiasmo pelos assuntos de que falava, estáfando os seus dedos e massajando a linha dos seus poucos cabelos, fazendo um discurso improvisado sobre a vida de jovens moçambicanos, o que eles pensavam e sentiam. O Eduardo na altura não usava a terminologia “liberdade”, atendo que ele acabava de chegar de Portugal de Salazar e levar-lheia algum tempo a libertar a sua língua. Mas a necessidade de liberdade cantava em cada uma das suas ideias e dançava ao ritmo da descrição que ele fazia do povo que ele tanto amava e da nação que ele tanto apreciava. A preocupação que ele projectava era a necessidade de o seu povo entrar no cenário contemporâneo, mantendo o melhor da tradição cultural mas retirando e deixando de ser tudo o que contribuisse para diminuir a estatura do seu povo no palco do mundo moderno.

Esta imagem é a do Verão de 1951. Dezanete anos mais tarde, Mondlane era um político temperado no cenário mundial, e um líder experimentado de homens. Apesar de todo este tempo, a essência daqueles pensamentos continuava bem presente, tal como a sua preocupação de construção de uma democracia com sucesso. Ele escreveu:

“Os nossos problemas não terminarão com a independência – a independência, por si só, não muda as atitudes de um povo dum dia para o outro, e o colonialismo desencoraja todas



“Eduardo Mondlane era um homem vibrante, que enfrentava os problemas com muito empenho” – Janet Mondlane

aquelas qualidades necessárias para a boa construção da democracia. Entre os ignorantes, a regra autoritária reprime a iniciativa, o sentido da responsabilidade pessoal, e cria, em lugar deles, uma atitude de não cooperação com o governo; entre poucos instruídos, estimula um elitismo imitado da complicada hierarquia do governo colonial. Nas zonas libertadas são estas as tendências que tivemos de combater, ao mesmo tempo que fazíamos campanha contra problemas tradicionais como o tribalismo, a superstição e o baixo nível geral de compreensão política e económica”.

Eis a resposta à pergunta. É que ele era capaz de desempenhar diferentes papéis e fazer com que pessoas de índole diversa compreendessem as ideias que ele sentia como essenciais para se compreender Moçambique do jeito que ele mesmo viu o seu próprio povo.

## ELE FOI SEMPRE PROFESSOR

Eu não tenho dúvidas de que se Mondlane precisasse de se definir a si próprio, essa definição seria – um político. Ele entendia ser “o político” como um académico que se torna activo, como analista e como ser humano. Eu pessoalmente penso que ele estava a descrever-se a si mesmo mais do que definir um político. Mas devemos nos lembrar que foi neste espírito que ele trabalhou, porque na verdade ele nunca teria vivido de outra maneira.

Eduardo Mondlane foi sempre um professor. Ele escreveu o livro *Lutar por Moçambique*, para poder ensinar os que estavam fora do cenário da luta de libertação, algo sobre o que estava a acontecer na sua pequena parcela do mundo. Ele sabia que o que estava a acontecer era mais do que uma luta nacional; era uma luta que iria afectar a África Austral e o continente como um todo. Num estudo publicado há mais de uma década, o Eduardo tinha esboçado suas ideias sobre uma África federada. Apesar de no fim concentrar as suas energias em Moçambique, o seu pensamento havia ido mais além por uma interdependência das nações e por uma nova ordem social, económica, e cultural internacional, antes desses conceitos se terem tornado uma realidade conceptual.

Embora Eduardo nos tenha deixado muito cedo, ele deixou

para os moçambicanos um legado no qual nos podemos edificar. Esse legado transporta a visão que ele teve para o seu país. A família Mondlane, junto de pessoas amigas e interessadas, criou a Fundação Eduardo Chivambo Mondlane, que tem como maior desafio a edificação de uma visão para moçambicanos, em virtude de quem somos como um povo e o que o nosso país se pode tornar.

## MONDLANE E A LIDERANÇA

Eduardo era verdadeiramente um cidadão africano do mundo e um dos sonhadores mais pragmáticos do seu tempo. Os seus estudos criaram um sonho e ele agiu com base nesse sonho.

Enquanto estudante na Universidade de Oberlin, e já como um homem de extraordinária experiência e visão, ele escreveu uma dissertação sobre a liderança e movimentos sociais, na qual um rascunho continua como um simples rascunho na sua própria mão. Ele disse:

“Enquanto alguns dos movimentos... puderam produzir efeitos mais ou menos duradouros nas vidas de muitas comunidades e nações, está claro que muitos outros desapareceram sem deixar nenhum rasto, e ainda, em todos eles, o ponto crucial do seu sucesso ou fracasso parece ter sido a natureza e carácter das suas lideranças. Não importa se concebemos a liderança no sentido tradicional ou moderno; não importa sequer a teoria sobre liderança pela qual nos subscrevemos; existe uma necessidade extrema de se desenvolver uma liderança que irá capacitar o homem a satisfazer a maior parte das duas necessidades. Se isso não for possível, então o futuro do homem estará repleto de perigos. Quem ainda possui alguma fé na possibilidade do Homem ser capaz de resolver seus problemas racionalmente deveria providenciar modelos apropriados de acção, os quais possam ser usados para a edificação de uma utopia mais realista”.

Reconhecemos que os problemas do Homem não são totalmente racionais, mas são uma mistura de racionalidade e de racionalidade emocional. Com o desenvolvimento de uma comunidade do mundo, um novo tipo de liderança está se desenvolvendo, a qual ajudará a alargar a perspectiva ou visão do cidadão normal, e sintetizar os seus

objectivos e aspirações de tal maneira que eles possam incluir os objectivos e aspirações de toda a humanidade”.

E assim, isto é o que Eduardo Mondlane sonhou para o povo de Moçambique e para o mundo. Esta era a sua causa.

Com a independência encaramos o futuro. Pessoas de todos os estratos sociais apostaram na independência política em 1975. Perguntámo-nos com honestidade e tremenda sinceridade o que teria que ser feito para criar o Moçambique novo? Tivemos grandes esperanças pelo futuro, naturalmente, alguns tiveram receios. Escrevemos uma Constituição nova. Projectámos um governo novo. Compartilhamos uma visão de futuro – uma nova nação.

Nestes dias eu tenho sido perguntada frequentemente o que é que Eduardo Mondlane pensaria de Moçambique, do jeito que está hoje. Anteriormente, a minha resposta realçava o facto de que ele estaria orgulhoso pelo facto de a independência nacional ter sido ganha.

Mas realmente existe muito mais do que isso. Não é necessário que uma pessoa seja extremamente inteligente para projectar o que Mondlane poderia ter dito acerca do que está a acontecer em Moçambique. Existe um critério objectivo que define o nosso país. Na publicação recentemente lançada pela PNUD, “Relatório Nacional do Desenvolvimento Humano”, 1998”, uma imagem chocante e clara foi apresentada:

Os índices: o índice do desenvolvimento humano e o índice da pobreza humana, o ranking dos países são baseados em três categorias ou factores: longevidade, saber a um padrão decente de vida.

O índice do desenvolvimento humano é calculado com base na expectativa de vida, talento educacional e as receitas ajustadas. Dentro de uma lista de 177 países no mundo, Moçambique consta como o 166º, o nono contado de baixo.

O índice de pobreza humana reflecte a distribuição do progresso e reflecte o nível da privação que ainda existe. As variantes representam a percentagem das pessoas que poderão morrer antes dos 40 anos, a percentagem de adultos que são analfabetos e a privação no provisionamento económico global, tanto no sector público como no privado – reflectido pela percentagem de pessoas sem acesso a serviços de saúde e água potável, e a percentagem de crianças com menos de cinco anos que têm peso inferior ao considerado normal. De uma lista de 77 países em desenvolvimento, Moçambique é o 68º, o décimo contado de baixo.

Nono contado de baixo, o décimo contado no mesmo sentido! Porquê é que estamos nesta posição abismal? Se qualquer um aqui não está desagravelmente chocado por esta descrição de Moçambique, só é e porque esse alguém está habituado à privação que a maior parte dos moçambicanos ressentem no dia a dia das suas vidas – e agora é o tempo para despertar.

É claro que Moçambique tem uma história de ser parte de um continente que foi deixado fora da caminhada em direcção a um futuro brilhante. E depois um colonialismo longo e degradante. E depois a guerra, primeiro pela independência, e depois a intensa guerra de desestabilização. A dívida. É verdade que a soma total desses problemas justifica o que tem acontecido a Moçambique. Mas será só?

## MONDLANE: UM CRENTE DA IDEIA DO PROGRESSO

Quando Mondlane visitou Moçambique em 1961, depois de ter estado ausente por um período de 11 anos, ele regressou para os Estados Unidos com uma

# mais pragmáticos do seu tempo

amarga opinião de que quase nada havia mudado para o melhor. Ele decidiu que era necessário fazer-se alguma coisa acerca do facto de que o país ainda está sobre a dominação colonial. Ele fez. Moçambique se tornou independente.

Mondlane era um cientista social e um futurista, embora ele não tenha sabido isso naquela altura, porque a teoria ainda não tinha sido desenvolvida. Era um crente da ideia do progresso. Possuía imagens positivas acerca do futuro — que o povo podia estar numa situação melhor, e que a independência teria um efeito favorável. Depois da morte de Mondlane, estudos foram feitos acerca daqueles líderes que acreditam positivamente no futuro e as suas características foram definidas como as seguintes:

Eles são conhecedores, completamente e com precisão, das situações com as quais eles estão se lidando;

Eles influenciam e têm poder; Eles estão moralmente comprometidos por ideais de uma sociedade baseada na inclusão e igualdade social.

A política tende a ser um jogo sem regras, facto que talvez justifique por que é que cientistas — principalmente o cientista social — tentam abdicar dum papel directo na política, adoptando uma ideologia protectora onde não se atribuem valores. Mas aqueles cientistas que acreditam no conceito real do progresso, no cenário do futuro melhor, não podem dar o aconselhamento devido, qualificando esse mesmo futuro, e como encará-lo, enquanto que ao mesmo tempo evocam a imunidade da academia e a inocência de só estarem a reportar factos.

Imaginemos que Mondlane pudesse entrar por esta porta agora, ao Moçambique que vivemos hoje, imagino eu que ele havia de me perguntar: Ainda assim? Poderia mesmo questionar. Quanto tempo, quanto tempo mesmo leva um povo para criar a sua própria visão e dar o passo em frente?

Apesar dos factores debilitantes acima mencionados, nós temos um problema primordial, problema esse que, se não for trazido à luz do dia, vai impedir o desenvolvimento de Moçambique para sempre.

## A CORRUPÇÃO

A corrupção não é uma consequência inevitável da pobreza e escassez de recursos. É um resultado de culturas políticas e económicas nas quais incentivos não éticos e a ganância recebem grande projecção. Embora a corrupção, não seja um problema especificamente africano, os seus efeitos prejudiciais são extensos em economias e estruturas fracas. A ampla corrupção associada com transacções económicas internas ou internacionais pode, por exemplo, ter consequências par-

ticulamente sérias. Tudo o risco de uma conexão entre ajuda e corrupção deve ser impedido.

O que acontece no nosso país é que aquelas práticas de corrupção não são práticas necessariamente criminais. São práticas não éticas.

Ao mesmo tempo, combater a corrupção efectivamente requer líderes poderosos no país — líderes capazes de passar das palavras para a acção quando for para trazer à justiça as pessoas corruptas, mesmo que estas sejam colegas no poder. Maior franqueza, debate aberto e meios de comunicação social mais independentes e activos, são factores importantes neste contexto. Deixem-me citar Mondlane, quando ele falava quase zangado, numa conferência que teve lugar em Genebra em Junho de 1966, quando respondendo a um participante nigeriano com o qual não concordava em relação a um assunto ligado ao desenvolvimento dos países africanos.

"Nós temos que olhar para as estruturas internas das próprias nações para tomarmos conta do nosso destino. Quem somos nós? De que somos capazes? Somos nós presa fácil, prostitutas que nos deixamos comprar tão facilmente e tão barato? Será que nós somos tudo isto? Todos nós, a maior parte de nós ou só alguns? Se só alguns são prostitutas, então o que estamos nós outros a fazer?... Saibamos construir a partir de dentro de nós. Seremos pobres durante muito tempo, talvez, mas para sermos livres não podemos deixar que o nosso futuro seja determinado por um pequeno número de pessoas que são corruptas, que se prostituem e que querem viver de acordo com padrões que são completamente estranhos aos de África."

Vivendo o dia-a-dia das dificuldades de Moçambique, parece-me que o impulso principal é o de egoísmo intenso. Ele se manifesta na corrupção de que me referi e em conflitos de interesses que se manifestam numa forma descarada: é visível algumas mansões, que se sobrepõem lado a lado a casas desmoronadas, feitas de terra batida. Isto é exemplificado pela escola exigida pelos funcionários públicos; e roubos de todo o tipo se tornaram na nova profissão aberta a todos os níveis da sociedade. A missão nacional desapareceu, tudo é determinado em termos de novo rico e os que aspiram ser ricos. Virtudes comunitárias como decência, cívica, ódio à violência e todo o resto é para as pessoas da cidade vizinha. Aqueles que projectam e acreditam que este é o estado mais normal das coisas traem a recém-nascida visão nacional. Isto é perigoso para um país que tem muita gente vivendo na miséria absoluta e onde existe impulso em direcção ao estabelecimento de instituições democráticas. Nós falhámos na tentativa de desenvolver partidos políticos



As vezes andava de fato e aqui, na companhia da sua esposa Janet

que vão ao encontro das necessidades e dos perigos de uma sociedade extremamente egocêntrica.

Existe uma evidência considerável de que a democracia, apesar da sua frustrante lentidão e ocasionalmente de debates e desacordos públicos paralisantes, contribui para o melhoramento humano mais do que o autoritarismo. Entretanto, não anseiem "os bons dias passados" do Governo Colonial, onde tudo parecia estar no seu lugar, pois um líder autoritário toma uma decisão e logo alguma coisa é resolvida. Hoje, autoritarismo não ensina nada, ou melhor, talvez ensine como odiar.

Eu gostaria de sugerir fortemente, a partir de uma perspectiva intelectual, que princípios de moralidade — incluindo um jogo de valores — são em grande parte os mesmos em todas as sociedades e culturas. Isto é assim porque as origens de valores humanos são achados na natureza semelhante de todos os humanos, como seres de biopsicologia, nas condições prévias de vida social que é a mesma em todos os lugares e em características universais deste mundo físico terrestre.

O mais importante de todos os valores humanos é a vida humana. Houve mudanças nos valores relativos à vida humana, o valor da paz, o valor da suficiência, o valor da vida das mulheres, o valor de uma moral mundial e a preocupação com as gerações futuras. As pessoas deveriam ser interessadas sobre a liberdade e bem-estar de todos os seres humanos da actualidade e das gerações vindouras.

tura e desenvolvimento das comunidades, com o objectivo de uma aprendizagem das pessoas no respeito mútuo, aprendendo a viver em conjunto, como interagir com benefício mútuo e como construir a sua sociedade da base ao topo.

## FALAR DE MONDLANE É FALAR DO FUTURO

Falando de Eduardo Mondlane, estamos falando do passado, mas essencialmente está-se a falar do futuro. Eduardo Mondlane é o futuro, e falar sobre Eduardo é falar sobre o futuro.

Aqueles que acreditam no futuro têm uma visão a longo termo e holística do mundo, têm objectivo mais largo e mais orientado ao público. Eles desejam elevar o nível de conhecimento e consciência da pessoa humana, sobre interrelação entre todas as pessoas entre elas. Não obstante a aparente diversidade cultural no mundo... Os seres humanos por toda a parte têm muito em comum. Futuristas exploram o significado do melhoramento da vida humana e convidam a comunidade humana a engajar-se em debate público sobre a ética global... Podemos nós os humanos aprender dos erros do passado, e através de acções efectivas criar um mundo futuro de compaixão, paz, justiça e alegria para todos? Deveríamos todos fazê-lo? Podemos nós e devemos nós criar uma comunidade moral mundial onde as pessoas do presente e futuro tenham uma boa chance de viver uma vida longa e satisfatória?

A minha resposta para estas perguntas, obviamente, é SIM; nós devemos criar um mundo de compaixão, SIM; nós devemos criar vidas mais satisfatórias; e SIM, nós devemos tentar criar uma moral mundial comunitária, iniciando com a nossa nação, Moçambique.

Moçambique não é diferente das demais sociedades pelo mundo fora, onde existem profundas divisões motivadas pelas diferenças na raça, religião, ou grupos étnicos, bem como de aglomerações sociais tais como sindicatos, associações para o suporte de diferentes causas. Não existe um consenso sobre como é que a sociedade em geral deve operar: estes grupos dificilmente sabem como é que se encaixam no quadro geral, alguns tendo até a dúvida se têm um espaço nele. Neste momento o poder é identificado essencialmente com o acesso à riqueza, e a busca pela riqueza é primordial. Para o florescimento da democracia, a restauração social e a política de reconciliação são absolutamente essenciais. Existem problemas éticos que levam a nossa sociedade com a total falta de código de moral comunitária e responsabilidade civil.

O desenvolvimento das capacidades humanas é um fim nele mesmo. É o imperativo moral. Que isto seja dito alto e claro, que o estudo e o acompanhamento no carinho profundo pela liberdade e bem-estar das gerações futuras figuram entre as causas mais nobres das nossas vidas.

Dr. Wendel Bell,\*\*\* o supervisor da tese de doutoramento de Mondlane, em tempos escreveu:

"Quando nós terminamos um milénio e iniciamos outro, este tipo de questões aparecem especialmente no momento certo. Até agora, o século vinte é virgem. Ele ainda não foi tocado, corrompido por actos humanos... é certamente realístico devotarmos o nosso esforço para trabalhar no sentido da perfeição, para agir no sentido de fazer do mundo um lugar melhor do que

ele se pode tornar. Esta sublime aspiração é parte do empreendimento futurístico...

"A única resposta certa é assumir a dimensão política da tarefa futurista e tentar elevar o registo político trazendo mais razões, evidência, lógica, complexidade, civilidade e humildade, pensamentos mais válidos futurísticos... O cometido não é ser partidário no sentido estreito e limitado... é com a verdade e bondade, e imparcialidade e mente aberta."

O que Mondlane mais quis para si foi a vida de um professor. Ele gostava dos alunos, ele admirava o professor. Finalmente como geralmente acontece, aquilo que ele queria e aquilo que a história pediu de si foram dois distintos destinos. Mas quando eu olho mais atentamente, ela foi o professor no final de tudo, no outro sentido, actuando fora das salas de aula ao invés de falar por trás das secretárias do professor.

Peter Weiss, um advogado de renome internacional e amigo, disse na reunião comemorativa em 1969, um pouco depois do assassinato de Eduardo Mondlane:

"Se algum de nós falta na nossa dedicação pela causa pela qual Eduardo Mondlane deu a sua vida, e se fizermos o pequeníssimo compromisso com a opressão que ele lutou em Moçambique ou com a hipocrisia que ele discerniu claramente em várias partes do mundo, incluindo os Estados Unidos da América, nós não temos o benefício da sua amizade. E tal como ele, que poderia ter levado uma vida confortável longe da guerra, voltou para casa para ocupar-se com o inimigo, assim todos nós temos que nos ocupar com o inimigo na nossa própria casa, onde a batalha mais difícil e os riscos são grandes. Não existe um outro tributo a Eduardo Mondlane, que viu claramente como qualquer líder da nossa geração, que a batalha para a independência e dignidade toma muitas formas em muitos países, mas que cada vitória, nessa luta, avança o propósito comum."

Existem muitas maneiras de ensino, Mondlane teve que aceitar a forma que lhe fora dada. Como um nosso amigo disse, a batalha para a independência e dignidade toma muitas formas, mas cada vitória avança o propósito comum. Algumas das pessoas nesta sala foram amigos do Eduardo, mas com certeza a maioria nem sequer sabia o seu nome enquanto ele vivo. Isso também, nem sequer tem significado. O largo sorriso e os olhos brilhantes do homem que acreditou apaixonadamente no ser humano, ou, a expressão pensante do intelectual, o fixo e severo olhar do lutador pela liberdade, não pertence a um certo período. Isto é o que um indivíduo faz, sozinho ou como parte de um grupo, numa época das nossas vidas. De muitas maneiras, esta universidade é a base dos sonhos. Não obstante Eduardo estivesse de vez em quando frustrado com o ritual dos estudos de doutoramento, ele adorava o meio académico e desejava ser um professor universitário — que foi durante um ano somente. Mas esteve presente a apatia e o sentimento que o impelia para a terra que o viu nascer, e finalmente, foi pelo seu povo que Eduardo sonhou e morreu. Mondlane foi a personificação de um ponto de vista africano do problema do dia-a-dia — a luta de um povo pela liberdade. Usando a sua percepção e o seu legado, talvez possamos ganhar alguma visão na resolução de questões que persistem em Moçambique. E ao som e ao ritmo da sua vida, descubramos o caminho para uma sociedade calma e feliz.

Este discurso é da autoria única da Drª Janet Rae Mondlane, sendo propriedade exclusiva da Fundação Eduardo Chivambo Mondlane.

\*\* See Human Development Report 1998, United Nations Development Program, Oxford University Press, Oxford.



O último da esquerda para a direita, o homem que edificou um dos mais bem sucedidos movimentos de libertação de África: Eduardo Mondlane